



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
BACHARELADO EM LETRAS**

LUCIANA MENEZES REMONTI

**VOCABULÁRIO DA PROSA MEDIEVAL FRANCESA:
LE QUADRILOGUE INVECTIF DE ALAIN CHARTIER**

Salvador
2016

LUCIANA MENEZES REMONTI

**VOCABULÁRIO DA PROSA MEDIEVAL FRANCESA:
LE QUADRILOGUE INVECTIF DE ALAIN CHARTIER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito final para avaliação do Componente Curricular LETA08 – Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Profa. Dra. Eliana Correia Brandão Gonçalves

Salvador
2016

**VOCABULÁRIO DA PROSA MEDIEVAL FRANCESA:
LE QUADRILOGUE INVECTIF DE ALAIN CHARTIER**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como
requisito parcial para obtenção de Grau de Bacharel
em Língua Estrangeira – Francês.

Eliana Correia Brandão Gonçalves
Orientadora

Norma Suely da Silva Pereira
Examinadora

Eloá Catarine Pinto Teixeira
Examinadora

Salvador, 21 de outubro de 2016.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Eliana Brandão, pela confiança, atenção e gentileza e por me acolher em seu grupo e me introduzir nos estudos da Filologia.

À minha família, pelo apoio.

À Deivid, pela revisão cuidadosa.

Às professoras Norma Pereira e Eloá Teixeira, por aceitarem o convite de participar da banca examinadora.

E a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho consiste no estudo do vocabulário do livro *Le Quadrilogue Invectif* (1422) do escritor francês Alain Chartier. Objetiva-se selecionar e descrever as unidades lexicais relacionadas ao tema guerra constante no livro, com a finalidade de desenvolver reflexões sobre o léxico do francês medieval utilizado em parte da prosa medieval francesa. O *corpus* do trabalho consiste em um livro escrito em 1422 na época literária medieval francesa e está baseado na edição de Droz (1923). Para o desenvolvimento do estudo, foram selecionadas e organizadas cinquenta unidades lexicais referentes ao tema de guerra. Na base metodológica, estudaremos a composição de obras lexicográficas a partir de noções referentes aos conceitos de Lexicologia, Lexicografia e Filologia.

Palavras-chave: Lexicografia. Vocabulário. Literatura medieval francesa. Alain Chartier.

RÉSUMÉ

Ce travail est une étude du vocabulaire du livre *Le Quadrilogue Invectif* (1422) de l'écrivain français Alain Chartier. L'objectif est de sélectionner et décrire les unités lexicales liées au thème guerre constante dans le livre, afin de développer des réflexions sur le lexique du français médiéval utilisé dans le cadre de la prose française médiévale. Le travail du corpus est basé sur l'édition Droz (1923), ou consiste en un livre en 1422 à l'époque médiévale de la littérature française. Pour développer l'étude ont été sélectionnés et organisés une cinquantaine d'unités lexicales sur le thème de la guerre. Dans la base méthodologique, nous allons étudier la composition des œuvres lexicographiques à partir des notions relatives aux concepts de la Lexicologie, Lexicographie et Philologie.

Mots-clés: Lexicographie. Vocabulaire. Littérature médiévale française. Alain Chartier.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ALAIN CHARTIER E A PROSA MEDIEVAL FRANCESA	10
2.1 <i>LE QUADRILOGUE INVECTIF</i>	12
3 A LÍNGUA FRANCESA E O FRANCÊS MÉDIO	15
3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA DOS CEM ANOS	20
4 ESTUDO DO LÉXICO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS DA PESQUISA</i>	22
4.1 O VOCABULÁRIO DE <i>LE QUADRILOGUE INVECTIF</i>	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que toda língua é construída a partir da interação e interface, quer seja dos seus falantes com a sua forma ou mesmo dos contatos lingüísticos, decorrentes de motivos políticos, sociais e culturais. São esses parâmetros que vão definir sua estruturação lexical de acordo com a necessidade e a variedade da língua. Essas interações e interfaces resultarão num compêndio lingüístico o qual denominamos léxico. Nesse sentido, o léxico corresponde ao arcabouço de palavras e ao repositório do saber lingüístico de uma determinada língua.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo investigar o vocabulário presente no texto *Le Quadriologue Invectif*, escrito pelo francês Alain Chartier representativo da literatura francesa do século XV. A obra, escrita em francês médio, em 1422, narra eventos ocorridos entre 1327 a 1400.

Para tal estudo, serão levados em consideração os aspectos correlacionados ao trabalho de lexicografia, ou seja, a elaboração e a composição de obras lexicográficas como é o caso do vocabulário. Com a análise das unidades lexicais será possível o conhecimento e suporte do vocabulário de guerra utilizado. Quanto à base metodológica, seguiram-se as orientações utilizadas para composição de um vocabulário em particular considerando o referido recorte temático, tomando como base, para tal proposta, o estudo de Gonçalves (2007), Picoche (1976) e as considerações de Biderman (1994), Vilela (1998), Barbosa (1996), entre outras sobre léxico e vocabulário.

O *corpus* a ser utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi escrito no início do século XV, em 1422. Dessa forma, é bastante significativo o estudo lexicográfico da obra, visto que o referido texto, representativo da prosa em língua francesa, tem como pano de fundo a Guerra dos Cem Anos travada entre a Inglaterra e a França. Foram selecionadas cinquenta unidades lexicais para a composição do vocabulário, uma tarefa que não foi fácil já que essas unidades estão escritas em francês médio e algumas mudaram de grafia ou se tratam de arcaísmos.

Esse trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos: 1 Introdução; 2 Alain Chartier e a prosa medieval francesa; 3 A língua francesa e o francês médio; 4 Estudo do léxico: pressupostos teóricos e delimitação do *corpus* de pesquisa e, por fim, 5 Considerações finais.

No capítulo *Introdução*, procurou-se esboçar de forma geral, como o trabalho se encontra organizado, mostrando-se, inicialmente, uma prévia sobre o tema a ser tratado, indicando-se os objetivos, o *corpus* do trabalho e a metodologia aplicada.

No segundo capítulo, fez-se breve relato sobre o escritor Alain Chartier e sua produção literária, dando destaque à prosa medieval francesa que faz parte da formação literária do escritor. No terceiro capítulo foram apresentadas breves considerações sobre a língua francesa e o francês médio.

No quarto capítulo, apresentou-se a importância das ciências do léxico e da Filologia para o desenvolvimento de estudos linguísticos voltados para a língua do passado e seus aspectos históricos e culturais. Seguindo-se dessa base teórica, virá o vocabulário desenvolvido a partir desse estudo e recorte temático sobre guerra.

Por fim em *Considerações finais*, apresentam-se reflexões sobre os resultados alcançados e as observações sobre o fazer lexicográfico encontradas na elaboração do trabalho. Seguem-se as referências. Acredita-se especialmente que o presente estudo se revela fundamental para a investigação não só do léxico do período medieval, mas também das práticas e discursos sobre a história da língua francesa no medievo.

2 ALAIN CHARTIER E A PROSA MEDIEVAL FRANCESA

A literatura francesa durante a Idade Média é representada por vários gêneros, entre os quais destaca-se a epopeia, representada pelas Canções de Gesta (do francês *Chansons de Geste*), texto no qual os autores narravam façanhas heróicas que eram declamadas por eles. Entre as Canções de Gesta, a mais conhecida é a Chanson de Roland, poema épico escrito no século XI.

Segundo Willemart (2000, p. 17), as Canções de Gesta são textos escritos em “versos decassílabos e dividida em *laisses* (grupo de versos formando uma estância)”. A principal temática francesa era acerca da luta a serviço da religião, conforme aponta Willemart (2000, p. 17), quando diz que o tema desenvolvido [nas canções de gesta] “retrata as diferentes etapas da luta contra o inimigo, a cavalo ou a pé, seu sucesso ou fracasso, terminando com a morte do adversário ou a fuga do herói motivando outros combates”. Duby (2011) faz a seguinte observação:

“Depois o indivíduo evoca esse outro abrigo, esse outro ninho: sua parentela. Ele fala dos mortos, e especialmente, entre estes, dos que são modelos para ele, dos que como ele, melhor que ele, fizeram carreira na Igreja, mas também de heróis militares, e assim dos dez irmãos de sua avó materna que morreram juntos gloriosamente na mesma batalha e que são celebrados ainda, no seu tempo – e disso ele se orgulha muito – pelas cantilenas dos jograis”. (DUBY, 2011, p. 170)

Na literatura popular, destacam-se, ainda, os *fabliaux*, que podem, segundo Macedo (2000, p 189), “ser definidos como narrativas curtas, cômico-satíricas, rimadas, compostas em versos octossilábicos, destinados à recitação dos jograis em ambientes domésticos e/ou públicos”. Destaca-se, ainda nesse período, a poesia lírica medieval e a literatura com influência histórica, política e social, nessa última denotam-se alguns nomes como Christine de Pizan, escritora contrária à misoginia e crítica do papel da mulher, na sociedade medieval francesa, e Alain Chartier, escritor e diplomata que escreveu sobre algumas batalhas da Guerra de Cem Anos.

Alain Chartier nasceu na cidade de Bayeux, na região da Normandia, França, em 1390. Foi escritor e nesse ofício adquiriu uma grande reputação, sendo chamado de *Père de l'éloquence française* (pai da eloquência francesa). Compôs também outras obras, em formato de crônicas, que contribuíram para

a produção literária francesa do século XV, além dos textos com caráter alegórico que, quase sempre escritos sobre assuntos políticos sociais do período francês, obtiveram sucesso (HOFFMAN, 1975).

Figura 1: Imagem de Alain Chartier



Fonte: Hallo, J. (2011)

Alain Chartier entrou para a corte, sendo secretário, notário e diplomata dos, até então, príncipes Carlos VI e Carlos VII em 1415, enquanto acontecia a invasão inglesa na região de Normandia. A posição política de Alain Chartier era bem definida com relação à Guerra dos Cem anos entre a França e a Inglaterra. De acordo com o que está registrado no cabeçalho da sua obra *Le Dyalogue* (1420), no qual encontramos a seguinte passagem: “Le Dyalogue de maistre Alain Chartier grant secretaire du roy”.

Chartier apoiava a união nacional e a resistência contra a Inglaterra. *Le Quadriologue Invectif* (1422) não foi seu único texto de caráter político-social, já que, em 1420, ele já tinha escrito seus sentimentos acerca da situação política na qual se encontrava a França em meio à Guerra dos Cem Anos. Além disso, patriota, Chartier esteve convencido de não estar isolado da história literária do seu tempo, pois os outros escritores também faziam reivindicações nacionais e apoiavam a mesma causa, com emoção, por se considerarem um único povo francês diante dos males da guerra que afetava a pátria. Com *Le Quadriologue Invectif* (1422), Chartier deu, aos franceses, o texto para que os mesmos se enxergassem, enquanto nação unida contra o levante da Inglaterra.

2.1 LE QUADRILOGUE INVECTIF

Le Quadrilogue Invectif é uma obra alegórica, em prosa, escrita por Alain Chartier, em 1422, na qual, através da ficção, Chartier coloca em cena quatro personagens que fazem parte da nação francesa: o povo, o cavaleiro, o clero e uma mulher, que personifica a França, conforme define Alvar (2010)

Compuesto em el año 1422, es considerado la obra más importante de Alain Chartier. Em este debate alegórico se enfrenta una dama, Francia, com los três estados (clero, nobleza y campesinado) sobre quién es responsable de la lamentable situación política a la que se há llehado tras la firma del Tratato de Troyer (1420), que marca el pleno hundimiento de Francia [...] ¹ (ALVAR, 2010, p. 289)

A composição do *Quadrilogue* faz direta referência à situação da França no início do século XV. Por isso, para compreender a importância e o significado do *Quadrilogue*, é necessário se lembrar da situação da França no início do século XV e o contexto da Guerra dos Cem Anos. Para um historiador, a obra de Chartier é um documento análogo às crônicas e aos panfletos da época, pois é um testemunho de um servidor público que busca a causa dos males que arruinam a França, mostrando e denunciando a preguiça da nobreza, as exigências e o descontentamento do povo e a fraqueza do clero.

Do ponto de vista literário, a importância do *Quadrilogue* reside no fato de ser uma literatura de protesto e persuasão, na qual as ideias patrióticas são o caminho para obter um espírito de renovação que poderia trazer de volta a época vitoriosa de Charles V. Chartier soube comunicar, através da prosa francesa, uma amplitude geral do contexto histórico e por esse motivo foi elogiado e ficou conhecido na França como o pai da eloquência (HOFFMAN, 1975).

O livro denuncia os problemas do reino francês durante a Guerra dos Cem Anos, que servindo como testemunho de um servidor público do Delfim² da França, que será o futuro Luís XI e apontando a causa dos males que arruinam a França. Cada capítulo do livro é constituído por um monólogo no

¹ Tradução livre: Composto no ano de 1422, é considerada a obra mais importante de Alain Chartier. Neste debate alegórico, se enfrentam uma dama, a França, com os três estados (clero, nobreza e camponeses) sobre quem é o responsável pela lamentável situação política a qual se chegou após a assinatura do Tratado de Troyes (1420), que marcou o pleno colapso da França [...]

² Título que designava o primogênito do rei da França, o herdeiro do trono. (HOUAISS, 2009)

qual o narrador faz a sua introdução, dizendo de onde é e qual seu objetivo naquele instante. Apresentam-se, logo após, uma mulher (o reino da França), o cavaleiro, o clero e o povo que sinalizam, através de cada perspectiva, as culpas da situação degradante que passava a França, ao perder batalhas e territórios para a Inglaterra. No total são dezessete monólogos: nove do narrador, dois da mulher, um do clero, dois do povo e três do cavaleiro. No texto, Chartier descreve a dama como uma figura infeliz e maltrapilha (QUEIROZ, 1999), numa alusão metafórica ao estado da França no ano de 1420. Chartier aponta para a nobreza como a causa das perdas de batalhas e de territórios políticos, durante a Guerra dos Cem anos; por outro lado, Chartier atribui pouca culpa ao clero, além de uma leve responsabilidade as atitudes do povo.

Figura 2: Facsímile do fólio de *Le Quadrilogue Invectif* de Alain Chartier



O *Quadrilogue* (1422) fez um sucesso enorme na França por retratar de maneira alegórica a situação envolvendo o contexto histórico da Guerra dos Cem Anos e as relações entre clero, sociedade e estado na época, além disso, ficou conhecido por uma série de manuscritos que são encontrados na Europa, na América e em bibliotecas particulares. A edição utilizada para a composição do vocabulário de *Le Quadrilogue Invectif* (1422) é a de Droz datada de 1923, na qual o editor comenta que fez pequenas modificações ao texto que não trazem outro sentido para a obra: corrigiu somente um pequeno número de lapsos evidentes que são encontradas na lista das notas críticas e indicou com notas a paginação do manuscrito. Na edição proposta, Droz (1923) elege como texto de base o manuscrito de número 126, encontrado na Biblioteca Nacional da França, por se tratar de uma cópia muito cuidadosa remontando o tempo de paz e a miséria da guerra da Baixa Idade Média Francesa. O editor faz indicações nas notas críticas e ilustrações precisas dos personagens do *Quadrilogue*. Esse manuscrito é composto por 263 folhas escritas em duas colunas, em velino (pergaminho fino), contendo seis obras e dividindo-as em duas partes. *Le Quadrilogue Invectif* é a quarta obra desse manuscrito contendo a presença de miniaturas e letras ornamentadas.

3 A LÍNGUA FRANCESA E O FRANCÊS MÉDIO

Conhecida e difundida ao redor do globo, a língua francesa será oficializada como língua do reino da França, no século XVII, pela recém-criada Académie Française. Porém, até alcançar tal status, um longo caminho foi percorrido visto que, como se sabe, uma língua não nasce pronta e tampouco é homogênea. A língua francesa é uma língua românica, juntamente com o português, o espanhol, o italiano e o romeno, entre outras línguas e dialetos, tendo como origem comum a língua latina. Como se sabe, os romanos, ao conquistar um dado território, não impunham sua língua e cultura. Porém, muito dos “dominados” acabam por deixar de lado a sua língua e cultura materna em prol do prestígio oferecido pela língua dos romanos.

Para a discussão de aspectos sócio-históricos e linguísticos da língua francesa, teremos como ponto de partida, o século IX, data da publicação daquele que será o primeiro documento escrito em língua francesa, *Les Serments de Strasbourg (Os Juramentos de Estrasburgo)*. Este documento, datado do ano de 842, selará a aliança firmada entre os herdeiros de Carlos Magno, Luís, o Germânico e Carlos, o Calvo, contra o irmão mais velho (e inimigo em comum), Lotário, no que concerne as disputas pela divisão de terras do império. (WARTBURG, 1971; ILARI, 2008)

A história da língua francesa também é marcada por outros contextos, pois a partir do século III d. C., diversos povos de língua germânica penetraram na Gália. É daí que, possivelmente, advém o caráter mais germânico da língua francesa. A influência é tamanha que o nome da própria língua francesa, o francês, possui origem em um povo germânico, os francos, que ajudaram na formação e unificação do território que hoje conhecemos como França. (WALTER, 1997)

A influência linguística dos povos ditos bárbaros acabou por incutir na língua francesa uma aparência diferenciada perante outras línguas românicas. Mesmo com a sua raiz latina preservada, este idioma apresenta uma forte influência, sobretudo lexical, que advém das línguas germânicas. Devido a este fator, o francês é tido como “a mais germânica das línguas românicas.” (WALTER, 1997, p.193).

Segundo Biderman (2001, p. 15), “cada comunidade humana, que forja o seu instrumental linguístico para designar conceitos novos, utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social”. Desse modo, por mais próximas que as línguas românicas possam vir a ser, cada uma possui um sistema distinto, no que diz respeito à criação de novos itens lexicais e conceitos. Não necessariamente elas seguirão as mesmas regras, pois a língua é um elemento de identidade cultural e cada idioma será moldado através do “olhar” dos seus falantes, agregando consigo toda uma “bagagem cultural” já existente. Como esta “bagagem” tende a ganhar a cada dia novas aquisições, pode-se dizer que o léxico de uma língua está sempre em expansão, sendo então considerado como um sistema aberto, pois a cada novo passo, o léxico de uma língua está sempre se renovando.

Entre as línguas germânicas, será com a língua inglesa que o francês estabelecerá uma relação célebre. O ano que marcará, por assim dizer, o primeiro verdadeiro encontro entre os dois idiomas será no século XI, mais precisamente no ano de 1066, quando Guilherme da Normandia é coroado rei da Inglaterra, após a morte de Haroldo II na batalha de Hastings. Durante os próximos três séculos, a língua francesa se afirmará na corte inglesa, exercendo um papel importante dentro desta sociedade. Assim, a partir do século XIII, diversos itens lexicais de origem inglesa, relacionados às esferas semânticas diversas, passarão a fazer parte do léxico da língua francesa. Estas unidades lexicais serão inseridas na língua, através dos ditos empréstimos linguísticos, que são “elementos oriundos de outros idiomas” (ALVES, I.; BEZERRA, M., 2009, p.8). Para Alves e Bezerra (2009, p. 8), estes empréstimos:

introduzem-se de diferentes formas em uma língua. Alguns resultam de um contato entre populações que passam a conviver em um mesmo território [...]. Outros são decorrentes do predomínio cultural de um país ou de uma região durante uma certa época. (ALVES; BEZERRA, 2009, p. 8)

Os empréstimos serão observados em diversos campos, como, por exemplo, no campo ligado à justiça e às instituições, de forma geral, e também ao comércio, à vida doméstica e à alimentação. Outros campos que também sofreram influência são os que fazem referência à guerra (guarda – warda e

guerra – werra de origem germânica), às cores etc. (WALTER, 1997; GONÇALVES, 2007)

A partir da segunda metade do século XIV, o uso da língua francesa em terras britânicas, inicia um processo de decadência. Com a Guerra dos Cem Anos em curso (1337 a 1453), um forte sentimento nacionalista se instaura. A língua francesa deixa de fazer parte do ambiente familiar, apesar de continuar sendo ensinada nas escolas. Seu uso, de uma forma mais cotidiana, será reservado à corte e as classes ditas mais instruídas.

A história do povo francês revela a história de como se deu sua formação linguística, ou seja, podemos dizer que as questões políticas, econômicas e sociais, que envolvem o surgimento de um povo, irá delinear seu caminho linguístico, através da língua que distingue as nações, e também distingue as condições sociais, culturais e regionais. (ABBADE, 2011).

Desde o século XIII, a França passa por um período de prosperidade e começa a entrar no processo de busca pela unificação do seu sistema linguístico, mas, com o advento da Guerra dos Cem Anos em 1328, o território francês mergulhou no caos, devido às instabilidades políticas, econômicas e sociais, tendo fortes reflexos na língua francesa. Para Wartburg (1971), o episódio da Guerra dos Cem Anos é muito importante para a língua francesa, visto que fortalece o sentimento nacional, pois o povo faz a sua aliança com o rei.

O período correspondente à Idade Média possui algumas divisões com base nos aspectos temporais, políticos e sociais que marcaram e transformaram a sociedade medieval. Franco Jr (2001) propõe uma divisão da Idade Média em quatro períodos distintos, a saber: a) Primeira Idade Média – correspondendo aos princípios do século IV e indo até os meados do século VIII; b) Alta Idade Média – dos meados do século VIII aos fins do século X; c) Idade Média Central – início do século XI e fins do século XIII; d) Baixa Idade Média – partindo do século XIV até meados do século XVI. Entretanto, uma divisão comumente utilizada sobre os estudos medievais apresentam dois períodos distintos, a Alta Idade Média e a Baixa Idade Média, o primeiro período teria início nos anos 476 até 1000, ou seja, séculos V-X; o segundo

teria início nos anos 1000 até 1453, ou seja, século X-XV (BRAICK; MOTA, 2005).

Conforme Franco Jr. (1983), os aspectos que diferem os dois períodos dizem respeito às características históricas, sociais e políticas que os diferenciam. Encontram-se bem localizados na Alta Idade Média e a crise do sistema escravagista romano e do sistema de colonato; as invasões bárbaras; a expansão do islamismo árabe, culminando nas invasões dos árabes à Península Ibérica e o estabelecimento da relação entre servo e senhor feudal a partir do *Comitatus* Germânico. Esses fatores, característicos da Alta Idade Média, se contrapõem à realidade no período da Baixa Idade Média, composta por cruzadas cristãs e comércio com o mundo oriental; renascimento comercial e urbano; fortificação das monarquias nacionais, surgimento dos burgos e cidades protegidas por muralhas, nas quais eram abrigadas a burguesia (FRANCO JR. 1983).

O livro *Le Quadrilogue Invectif*, objeto de estudo deste trabalho, é datado como pertencente à produção do período correspondente à Baixa Idade Média, no século XV. Esse período, a que compreende os séculos XIV e XV, é conhecido como os dois séculos de crise profunda e tempos de calamidade. Franco Jr. (2001) aponta para o fato de que

a crise do século XIV, orgânica, global, foi uma decorrência da vitalidade e da contínua expansão (demográfica, econômica, territorial) dos séculos XI-XIII, o que levava o sistema aos limites possíveis de seu funcionamento. Logo, a recuperação a partir de meados do século XV deu-se em novos moldes, estabeleceu novas estruturas, porém ainda assentadas sobre elementos medievais [...] (FRANCO JR., 2001, p.18)

Ainda no mesmo livro, o autor aponta para o crescimento populacional que era enfrentado desde o século X. Contudo, tal crescimento, também, é marcado por pontos negativos já que as condições europeias daquele instante não estavam preparadas para o crescimento populacional, pois este desestabilizava o equilíbrio de produção-consumo de alimentos. Com a fome crescente, ocorre, em consequência, o ressurgimento da peste negra, doença que culminava, em poucos dias, com o falecimento dos indivíduos que a contraísse. Sobre as consequências desse fato, Franco Jr. (2001) segue afirmando que

No período crítico, o da chamada peste negra, em 1348-1350, as perdas humanas variaram, conforme a região, de dois terços a um oitavo da população. No conjunto, estima-se, que a Europa ocidental perdeu cerca de 30% de seus habitantes naquela ocasião, e só retomaria o nível populacional pré-pestes 200 anos depois, em meados do século XVI. (Franco Jr., 2001, p. 37)

Outros aspectos, na Baixa Idade Média, também apresentavam-se em crise, como o setor econômico, em decorrência de alguns fatores como a estagnação tecnológica o alto contingente demográfico e o mal-estar causado pela peste; essa época é marcada, também, pelos conflitos, aumento dos impostos, crises políticas e sociais e movimentos de revolta (FRANCO JR, 2001). As relações feudais ainda eram, nesse momento, motivo de tensão entre os reinos envolvidos nos principais conflitos e tal tensão deu origem à principal guerra desse período, a Guerra dos Cem Anos, guerra entre a França e a Inglaterra. Esse assunto é abordado na obra *Le Quadrilogue Invectif* (1422).

Direcionando para o caminho linguístico, a delimitação do francês médio é apresentada de forma diferente por diversos autores que tratam da história da língua francesa. Segundo Wartburg (1971, p. 21) e C. Bruneau (1956), o francês médio se situa entre a segunda metade do século XIV e o século XV, período que abrange a Guerra dos Cem Anos (BESSA, 2011). De acordo com Wartburg (1971), durante esse período, a difusão e expansão no âmbito das idéias, das instituições, dos hábitos, da literatura e das artes, foram escritas no francês médio. O livro *Le Quadrilogue Invectif* foi escrito no francês considerado médio do século XV.

O francês médio é caracterizado pela etapa de transição entre o francês antigo e o francês moderno e também é uma época em que a língua francesa ganha espaço no território francês, através de um processo lento e gradual de transformações (SAULNIER, 1962). A necessidade de constituição de uma nação desperta o desejo de unidade linguística. Dessa forma, o começo do desenvolvimento linguístico do francês surge na metade do século XIV e o principal fator desse acontecimento é a Guerra dos Cem Anos. (WARTBURG, 1971)

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA DOS CEM ANOS

Para Gonçalves (2007, p. 17) “a guerra é uma atividade que merece ser tida em consideração, como objeto de estudo, por ser um dos principais focos onde se tem concentrado o esforço do homem e por se desenvolver no tempo e no espaço”. A longa duração da guerra demonstra a vastidão do conflito marcado por confrontos indiretos e batalhas diretas entre as nações envolvidas. As causas do conflito são questões históricas, envolvendo situações que remontam, ainda, ao feudalismo e à linha sucessória de poder. Dessa forma, durante 116 anos, dois grandes reinos entraram em conflito e guerra no mundo europeu: França e Inglaterra.

Em 1328, após a morte do rei Carlos IV, a França se vê no meio de uma instabilidade política, pois o rei Carlos IV morreu sem deixar herdeiros, então Eduardo III, rei da Inglaterra, intitulou-se o legítimo herdeiro do trono por ter relações de parentesco de segundo grau com o rei falecido. Contudo, sua relação com o antigo rei era por parte materna. Este fato causou entre os nobres franceses um desconforto e estes, munidos da antiga Lei Sállica, realizaram uma assembléia e o conde Felipe de Valois, primo de Carlos IV, recebeu o título de rei da França. A Lei Sállica era um código de lei latino do século VI, que determinava que nenhuma mulher tivesse o direito a herdar os bens familiares e que todos esses, incluídos as terras, iriam para os homens de sua família. (ZINK, 1993)

O ponto que motivava conflitos entre a França e a Inglaterra, diz respeito à região de Flandres (atualmente, Bélgica e Países Baixos). Tal região mantinha vassalagem com a França, porém, na Baixa Idade Média, estabeleceu relações econômicas com a Inglaterra. Esse território serviu de palco inicial da Guerra dos Cem Anos, pois a França temia a relação entre a Inglaterra e uma região que pertencia ao território francês. Essa primeira parte da guerra duraria até 1360, quando foi assinado o Tratado de Brétigny, dando à Inglaterra superioridade nesse primeiro ato de guerra.

Em 1420, ocorre, após longas batalhas e perdas, a assinatura do Tratado de Troyes, que garante à Inglaterra mais poderes sobre o território

francês. Somente em 1453, após o surgimento da figura de Joana d'Arc³, camponesa que comandou tropas francesas, a França retomou seus territórios dominados pela Inglaterra. Contudo, apesar de finalizada a Guerra dos Cem Anos, as marcas deixadas na população francesa não foram apagadas, como afirma Huizinga (1978):

A devastação e a insegurança que em consequência da Guerra dos Cem Anos tinham finalmente avassalado quase toda a França dava a estes lamentos uma triste actualidade. Do ano de 1400 em diante não mais acabam as queixas acerca da sorte dos camponeses, saqueados, oprimidos, maltratados por bandos de inimigos e amigos, desaposados do seu gado, expulsos das suas casas. (HUIZINGA, 1978, p. 45)

É nesse momento preciso e de conflito social e política que o *Le Quadrilogue Invectif* foi composto. Sonhando com todas as tristezas presentes, Alain Chartier escreve que vê, em 1422, o rei inglês se glorificar e conclui que a mão de Deus está sobre os franceses.

Figura 3: Pintura de Crécy-la-Chapelle - Guerra dos Cem Anos



Fonte: La Chapelle, Crécy (2011)

³ Heroína francesa e chefe militar da Guerra dos Cem Anos, que lutou ao lado dos Armagnacs contra os Bourguignons e os aliados ingleses. (ZINK, 1993, p. 56)

4 ESTUDO DO LÉXICO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E A DELIMITAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Vilela (1994, p.5) define o léxico como “o repositório do saber linguístico e ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade”. Deste modo, entende-se o léxico para além de ser apenas o vocabulário de uma língua, o léxico é, então, o conjunto de possibilidades linguísticas, repositório de palavras resultante da união entre o conhecimento cultural, social e histórico com a capacidade da mente humana de apreender e nomear a realidade que nos cerca. Assim, nasce o léxico de um povo, esse “repositório do saber linguístico”. (VILELA, 1994, p.5)

O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo e esse registro começa a partir dos primórdios da humanidade, quando se começa a nomeação das coisas do mundo (BIDERMAN, 2001). O léxico de uma língua está sempre em constante desenvolvimento e renovação, pois mantém relação direta com o significado e as mudanças sociais e históricas de uma sociedade. Conforme Biderman (2001),

as mudanças sociais culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer, porém podem ser ressuscitados termos, que voltam à circulação, geralmente, com novas conotações. (BIDERMAN, 2001, p.179)

Por isso, não se deve pensar o léxico como um grande guarda palavras de uma língua, pelo contrário, no léxico se recupera a história de uma sociedade, pois o léxico, de acordo com Oliveira e Isquerdo (1998)

Representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA e ISQUERDO, 1998, p.7)

Essas considerações nos levam a relacionar áreas de estudos do léxico: a Lexicologia, enquanto ciência que, segundo Biderman (2001, p. 13), “tem como objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”; a Lexicografia, enquanto ciência que produz

dicionários a partir do estudo do léxico (VILELA, 1994); e a Terminologia, o estudo do léxico com foco nos termos especializados, ou seja, conceitos próprios das variadas áreas de especialidade.

A lexicologia é uma das ciências que realiza o estudo do léxico. Tem, também, o objetivo de estudar as relações do léxico com os mais diversos domínios como a etimologia, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a relação com a semântica, além de ter como finalidade descrevê-lo, ou seja, analisar as constituintes do léxico segundo sua categorização lexical e sua estrutura. A relação que a lexicologia estabelece com outras áreas é vasta, afinal, estuda o significado (Semântica), a formação das palavras, os neologismos (Morfologia Lexical), a origem e filiação das línguas (Glotocronologia) e estuda, também, a relação entre nomeação e cultura, campo ligado aos estudos dialetais e etnolinguísticos. (VILELA, 1994, p. 9-10)

Por outro lado, para o desenvolvimento de pesquisas lexicais, em uma perspectiva histórica, principalmente no caso de textos escritos no passado, é preciso contar com a articulação do trabalho desenvolvido pelo filólogo, assim segundo Gonçalves (2014):

Em sua prática teórico-metodológica, o filólogo ocupa-se tanto do desenvolvimento de produções editoriais, por meio dos vários tipos de edição, quanto da produção crítica, por meio dos diversos estudos crítico-filológicos do texto, entre os quais o estudo linguístico, em uma perspectiva histórico-social e comparativa. Assim, é possível considerar que o fazer filológico também articula a reflexão crítica entre os textos e os usos linguísticos que se alteram ao longo do tempo, do espaço e dos contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos. (GONÇALVES, 2014, p. 3)

Portanto, entende-se a Filologia como área do saber que recupera o texto como uma fonte de estudo da história de uma língua. Ademais, a filologia é vista como ciência do texto, por estudar, no próprio texto, a língua de uma determinada comunidade e as suas manifestações culturais, bem como a sua história, visto que a Filologia tem como objetivo o “resgate da memória, da história e da cultura das comunidades, por meio da restituição da materialidade dos textos” (GONÇALVES, 2003, p. 1). Para Mattos e Silva (2008)

A filologia, hoje, parece integrar-se melhor como uma das formas de abordar a documentação escrita, tanto literária como documental em sentido amplo, enriquecida pelas vias da crítica textual, tanto de textos antigos como modernos. Assim a filologia assume o seu lugar

como a ciência do texto, herança benéfica semeada há quase vinte séculos pelos alexandrinos [...]. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 14)

Além disso, a filologia, conforme Santos (2015, p. 55), “estuda a constituição histórica das línguas, fatores externos e internos, extralinguísticos e linguísticos, que explicam a mudança linguística”, ou seja, fornece conhecimento sobre fatores que corroboram com a constituição do léxico das civilizações estudadas.

O estudo do léxico de um povo é de extrema importância, pois, no léxico, é onde se guarda a memória, o saber linguístico, cultural e histórico do povo que faz uso desse conjunto vocabular não estacionário e que se modifica e evolui. Segundo Piel (1989, p. 9) “o léxico de uma língua de civilização [...] é um organismo vivo, extremamente complexo na sua composição, pois resulta de um trabalho multissecular de elaboração e seleção”. Ou seja, o léxico está em constante modificação, cabendo aos lexicólogos estudar o léxico em todos os estágios temporais da história de uma determinada língua para entender seu conjunto como um todo.

Ainda sobre a composição do léxico de um povo, segundo Biderman (2001, p. 15), “cada comunidade humana que forja o seu instrumental linguístico para designar conceitos novos utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social”. A língua, enquanto um elemento de identidade cultural, será moldada, no tempo e nas demais variedades, através da perspectiva e da realidade histórica dos seus falantes.

O léxico, enquanto o conjunto de todas as palavras existentes numa dada língua, se mostra um inventário aberto, que pode ser investigado tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. Estudar o léxico é, então, estabelecer relação com a história social, econômica, política e cultural dos seus falantes. Nesse aspecto, é de vital importância o conhecimento da etimologia e da história, pois assim é possível conhecer a origem, as modificações semânticas, as relações entre linguagem e cultura. Importante, também, relacionar a história interna com a externa, sem dissociar a questão relativa à sociedade da época. Dessa forma, se chegará, até a origem e especificações das palavras que compõem o léxico, sua formação interna, seu entrelaçamento e desenvolvimento e seu significado. (BIDERMAN, 2001;2011)

Segundo Abbade (2011), a linguagem faz parte da história do homem e esse fato é inegável e incontestável. Essa linguagem pode ser expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a utiliza. E para reforçar essa afirmação, Coseriu (1982) mostra que as mudanças no léxico estão sempre relacionadas às mudanças políticas e culturais, pois “a mudança linguística tem, efetivamente, uma causa eficiente, que é a liberdade linguística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes”. (COSERIU, 1982, p. 50)

Desse modo, será possível conhecer sua origem, suas modificações semânticas por ampliação ou restrição, além das relações entre linguagem e cultura. Coseriu (1982) ainda afirma que a construção da identidade de um povo dá-se por meio da linguagem que é reconstruída a todo momento.

No que diz respeito a esse trabalho, pretende-se, a partir da abordagem lexicográfica, com o apoio do estudo lexicológico, realizar a composição do vocabulário de *Le Quadrilogue Invectif*, uma obra com traços alegóricos de 1422 que remonta a um período da história da França, a Guerra de Cem anos. Com o estudo, objetiva-se conhecer as escolhas lexicais, seus significados e inferir quais fatores foram determinantes para tais escolhas, situando-se no aspecto geral da guerra retratada.

A lexicografia está ligada, em concordância com Biderman (2001, p.15), à “ciência dos dicionários”. A lexicografia se relaciona com a lexicologia por ambas estudarem o léxico, a diferença está nos métodos e resultados finais. Enquanto a lexicologia fornece um estudo científico acerca do léxico e suas relações com níveis de análise linguística ou com a história social do povo; a lexicografia, por sua vez, apresenta-se como a técnica científica de produção de dicionários, glossários e vocabulários (VILELA, 1994).

No que diz respeito aos aspectos metodológicos são necessárias diferenciações entre termos que, se apresentam em uso, muitas vezes como sinônimos, mas que, para os estudos lexicais, possuem distinções fundamentais, seriam os conceitos de vocabulário, glossário e dicionário. Os vocabulários, glossários e os dicionários são produtos do trabalho lexicográfico.

Segundo Abbade (2011, p. 215), “o vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação, melhor dizendo, vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo.” Glossário pode ser definido como o compilado de palavras e significações advindas do estudo lexicográfico de uma obra específica. Por outro lado, o dicionário “é um repertório estruturado de unidades lexicais portadoras de informações linguísticas”. (BARBOSA, 2011, p. 26) Assim, se diferenciam os estudos que tem por finalidade a construção de um vocabulário e a construção de um glossário.

No estudo do léxico de um texto antigo, são observados diversos aspectos desde os neologismos até os empréstimos. Já as análises e a produção lexicográfica, a partir do texto em análise, podem ser realizadas com foco em diversos recortes temáticos, como, por exemplo, no campo ligado à justiça e às instituições, ao comércio, à vida doméstica e à alimentação. Outros campos que também servem ao estudo lexicográfico são os que fazem referência à guerra, como realizado nesse estudo. (GONÇALVES, 2007)

O ponto de vista do estudo de Picoche (2002) é mostrar o funcionamento da língua e não pelo caráter enciclopédico. A autora destaca que “nous nous efforçons de présenter paisiblement et honnêtement dans son usage en français moderne un lexique qui porte le poids de son passé”.⁴ (PICOCHÉ, 2002, p. 8)

No seu panorama lexical, Picoche (2002) afirma que um vocabulário é a porção do léxico empregado habitualmente para uma determinada seleção lexical e que sua evolução incessante é consecutiva à sociedade e cultura francesa devido ao caráter enciclopédico e ao ensinamento científico sobre o mundo. Um vocabulário específico traz em um só artigo palavras lexicais portadoras de sentidos que traçam uma história.

⁴ Tradução livre: “Nos esforçamos de apresentar pacificamente e honestamente o uso em francês moderno de um léxico que traz o peso do seu passado”. (PICOCHÉ, 2002, p. 8)

4.1 O VOCABULÁRIO DE *LE QUADRILOGUE INVECTIF*

A construção dos verbetes do vocabulário do texto *Le Quadrilogue Invectif* teve por base o trabalho desenvolvido por diversos lexicógrafos, entre o qual Jacqueline Picoche (1976) que mostra que “les mots étudiés font plus souvent partie du vocabulaire disponible que du vocabulaire fréquent, Il fallait un *corpus* assez homogène afin d’éviter l’interference des systèmes linguistiques diverses et aussi pour réduire le surgiment des mots usuels”. (PICOCHÉ, 1976, p. 8)⁵

A escolha do *corpus* para Picoche (1976) foi baseada no recorte temático de interesse psicológico por parte do escritor Jean Froissart que apresentava uma concepção centrada sobre os indivíduos:

(...) on fait l’inventaire des mots dont avait besoin la société chevaleresque de la fin du Moyen-Âge pour prendre conscience d’elle-même et analyser la face intérieure d’une vie dont les occupations guerrières, politiques et amoureuses constituaient pour l’essentiel la face extérieure. (PICOCHÉ, 1976, p. 9)⁶

Na proposta metodológica de Picoche (1976), “un des moyens plus efficaces pour l’étude historique du vocabulaire est la détermination plus exacte possible du sens du mot dans le point de vue d’un écrivain ou d’un groupe restrict d’écrivains”. (PICOCHÉ, 1976, p. 10)⁷ Na primeira etapa puramente filológica, a autora constitui pequenos grupos de palavras que podem ser substituídas entre si a partir de estruturas sintáticas diferentes ou pela diferença de um sema só ou um traço pertinente. Para determinar a situação, esses grupos de palavras foram selecionados e apareceram com seu valor exato. Na segunda etapa puramente metodológica, a orientação da autora se

⁵ Tradução livre: “as palavras estudadas fazem mais parte de um vocabulário disponível do que de um vocabulário frequente e que o *corpus* deve ser homogêneo para evitar a interferência de sistemas linguísticos diferentes e também reduzir o aparecimento de palavras usuais”. (PICOCHÉ, 2002, p. 8)

⁶ Tradução livre: (...) se faz o inventário das palavras das quais a sociedade cavaleiresca do fim da Idade Média precisa para tomar consciência dela mesma e analisar a face interior de uma vida cujo as ocupações guerreiras, políticas e amorosas constituíam para o essencial da face exterior. (PICOCHÉ, 1976, p. 9)

⁷ Tradução livre: “um dos meios mais eficazes para o estudo histórico do vocabulário é a determinação mais exata possível do sentido de uma palavra do ponto de vista de um escritor ou de um grupo restrito de escritores” (PICOCHÉ, 1976, p. 10).

baseou no sincronismo por ser um fato histórico e nessa perspectiva ela eliminou os vocabulários técnicos, os estudos relativos à lexicologia quantitativa e os dicionários de línguas organizados em ordem alfabética. Esse inventário lexical visa ser completo de acordo com o texto escolhido. (PICOCHÉ, 1976)

O respectivo trabalho aqui apresentado, traz um estudo do vocabulário relativo às guerras, em especial da Guerra dos Cem Anos, a partir da seleção de cinquenta unidades lexicais presentes na obra *Le Quadriologue Invectif* de Alain Chartier, através da edição de Droz publicada em 1923, que se baseia na quarta obra do manuscrito 126, datado de 1422 e encontrado na Biblioteca Nacional da França.

O estudo dos aspectos lexicais desse vocabulário mostra que parte do léxico da língua francesa, que faz parte das línguas de cultura européias, é produto de herança, ou seja, parte é resultado de empréstimos de outras línguas e a outra parte resulta de processos que a língua autoriza, como a derivação, a composição, as mudanças de contexto semântico etc. Segundo Bizzocchi e Pacheco (1990), a identificação do caráter etimológico de cada unidade léxica não raro é tarefa problemática, visto que, ao lado da questão da busca da origem de uma palavra numa determinada língua, é preciso considerar que a fronteira entre o que é vernáculo e o que é empréstimo é fluida, havendo comumente a migração de unidades de uma categoria para outra, inclusive por força da própria influência cultural de uma língua sobre outra, fato este correntíssimo, em se tratando de línguas européias, pertencentes à mesma cultura ocidental.

Essa influência é representada pela incorporação de palavras e construções, através do enriquecimento a partir do contato com numerosas línguas. (ILARI, 2008). Os empréstimos presentes na seleção das unidades lexicais do vocabulário, apresentado nesse trabalho provêm, sobretudo, do germânico, do frâncico e do italiano.

Assim, podemos ressaltar que é impossível identificar a presença unificadora do latim em relação a essa influência, já que a língua latina foi a

língua de cultura e religião por muitos séculos na Europa. Nessa questão, diz Bizocchi e Pacheco (1990):

O Ocidente é, em muitos aspectos, uma unidade, sob o ponto de vista cultural e da estrutura social. A educação ocidental construiu-se sobre bases grego-latinas. Todo o nosso léxico científico, e, em geral, filosófico e 'espiritual', vem das línguas clássicas ou está formado sobre modelos clássicos. As línguas escritas do Ocidente foram elaboradas em grande parte por quem conhecia o latim e tinha o latim como modelo. (BIZOCCHI; PACHECO, 1990, p.79)

O nível lexical é a parte da língua que está mais suscetível à mudança, pois engloba, por exemplo, várias palavras novas que vão surgindo, os neologismos e os empréstimos; ressignifica palavras existentes dentro do sistema linguístico, as gírias; e abarca outras que caíram ou cairão em desuso, os arcaísmos. (CITELLI, 1995, p. 23-36)

Analisando as cinquenta unidades lexicais selecionadas em *Le Quadriologue Invectif*, observam-se os seguintes aspectos:

- Presença de arcaísmos - palavras ou expressões que eram correntes na língua e que caíram em desuso. Essas unidades lexicais refletem um estado de língua mais antigo, a exemplo de *chatel*, *dechasser*, *desconfiture*, *escuier*, *guerredon*.
- Presença de mudanças de grafia - processo existente na língua para simplificar as palavras com maior ou menor produtividade na frequência em que são usadas, a exemplo de *aguetz* – *aguets*, *aguillon* – *aiguillon*, *armeure* – *armure*, *assaillan* – *assaillant*, *chief* – *chef*, *espee* – *épée*, *exploit* – *exploit*, *forteresce* – *forteresse*, *fraiz* – *frais*, *gens d'armes* – *gendarme*, *guerrier* – *guerroyer*, *hasche* – *hache*, *hauberjon* – *haubergeon*, *ost* – *host*, *souldoier* – *soldat*, *vestir* – *vêtir* e *vestment* – *vêtement*. As unidades lexicais nos exemplos estão no francês médio e no francês atual para mostrar a mudança de grafia.
- Incorporação de empréstimos lingüísticos - influência de outras línguas, a exemplo das unidades lexicais provenientes do germânico, frâncico e italiano;

Assim, a pesquisa traz uma análise do vocabulário existente na obra, no que diz respeito à guerra, observando os contextos e as acepções das unidades lexicais naquele período. O léxico que faz referência a essa proposta,

selecionado em *Le Quadrilogue Invectif*, é dividido em unidades lexicais, tomando como base, para tal proposta, o estudo de Gonçalves (2007), Picoche (1976) e as considerações de Biderman (1994), Vilela (1998), Barbosa (1996), entre outras sobre léxico e vocabulário.

Partindo-se desse princípio, faz-se a estruturação das unidades lexicais selecionadas, descritas e analisadas. Metodologicamente, o estudo desenvolvido, percorreu as seguintes etapas:

- Verificação das unidades lexicais considerando-se o recorte temático, elegendo-se unidades lexicais da referida obra;
- Apresentação das acepções das unidades lexicais selecionadas, considerando a consulta a quatro dicionários semasiológicos, sendo um etimológico: *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française (1950)* de Oscar Bloch ; *Le Dictionnaire de l'Académie Française dédié au Roy (1694)* de Coignard ; *Dictionnaire Universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes & les termes des sciences et des arts (1701)* de Antoine Furètiere ; e *Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)* de Martin Robert (2015);
- Organização das unidades lexicais, em ordem alfabética, mantendo a grafia original;
- Apresentação das entradas em negrito, começando com letra maiúscula e algumas apresentando os colchetes, por terem formas flexionadas no contexto. Todas as entradas apresentam sua tradução em negrito e em parênteses;
- Organização do *corpus* quanto à sua classificação e abreviaturas das classes gramaticais: s.m. substantivo masculino, s.f. substantivo feminino, v. verbo, seguindo quando possível do étimo da unidade lexical;
- Apresentação da abonação, em língua francesa, na qual se encontra a unidade lexical lematizada, a fim de facilitar a compreensão do leitor;

Aguetz (espiões) s.m. (à et guet, do vieux frâncico wahtôn “espiar; vigiar”) No antigo francês, Furetière (1701) destaca que essa palavra só é usada no plural: aguets; significa a ação da pessoa que espia uma outra, observação que se faz

da marcha ou das ações de alguém para prendê-lo, ou de qualquer ocasião do qual se pode tirar vantagem. “Soit doncques regardé quans **aguetz** d’ennemis, dangiers des servans et souldoiers mal contens, indignacions de gens escondiz ou reboutez, murmure de subgiez, plaintes de peuples et de commun, rappors divers et souspeçonieux, ligues et riotos entre les siens, prince menant guerre est tenu d’escouter.” (CHARTIER, 1923, p.42)

Tradução livre: « Seja então visto enquanto **espões** dos inimigos, perigos dos servidores e soldados descontentes, indignações de pessoas distanciadas ou retiradas, murmúrio dos subjugados, reclamações de pessoas e do comum, relações diversas e suspeitas, ligas ou risos entre os seus, príncipe trazendo a guerra é trazido para escutar. » (CHARTIER, 1923, p.42)

[Aguillon] (aguilhão) s.m. (do latim aculeo) Vara pontuda ou armada de uma ponta metálica que serve para fazer avançar os animais. Os aiguihães pontudos serviam para ferir os escravos. “Tu l’as provoquee et appelle a toy, si fault que tu en souffres les **aguillons** et pointures, car qui pourchasse guerre la doit querir par tele condition qu’il se submete aux males aventures qui de guerre naissent.” (CHARTIER, 1923, p.24)

Tradução livre: « Você a procovou e chama para si, se é preciso que sofra pelos **aguilhões** e chutes, pois quem provoca a guerra deve procurar por tal condição que se submeta às más aventuras que da guerra surgem. » (CHARTIER, 1923, p.24)

[Arme] (arma) s.f. (do latim arma) que serve a se defender de seu inimigo, ou a combatê-lo. Instrumento de guerra feito para atacar ou defender. “Et a celle heure apperceut trois de ses enfans, l’un estant droit en **armes** appuyé sur sa hasche, effrayé et songeux, l’autre en vestement long sur ung siege de costé, escoutant et taisant, le tiers en vil habit, reversé sur la terre, plaintif et langoureux.” (CHARTIER, 1923, p.9)

Tradução livre: “E àquela hora apareceu três de suas crianças, um tendo direito às **armas** apoiado sobre seu machado, agitado e pensativo, o outro em vestimenta longa sobre um assento com encosto, escutando e calado, o

terceiro em mau traje, ajoelhado sobre a terra, lamurioso e fraco.” (CHARTIER, 1923, p.9)

[Armee] (exército) s.f. (do latim armatus, de armare) Tropa destinada a fazer a guerra corpo de várias pessoas de guerra a pé ou a cavalo, dividido em vários regimes regidos por um general que tem vários oficiais. “Et se plus large estoit la finance, l’aide et la revenue, assez y a gens et besoingnes ou employer comme souldees de gens d’armes, estat de seigneurs, mises d’engins de guerre, fraiz d’**armees** de mer, voyages d’ambassadeur, presens aux estrangiers, dons a ceulx qui servent.” (CHARTIER, 1923, p. 46)

Tradução livre: “E se mais larga fosse a finança, a ajuda e o recebimento, teria bastante gente e necessidades onde empregar como soldados de gente de armas, estado de senhores, colocar engenhos de guerra, custos dos **exércitos** do mar, viagens de embaixador, presentes aos estrangeiros, cujo aqueles que servem.”. (CHARTIER, 1923, p. 46)

[Armeure] (armadura) s.f. (do latim armatura) arma defensiva que cobre e protege o corpo, como a couraça. “Les ennemis ne sont de fer immortalz ou indiviables ne que vous, ilz n’ont glaives ne **armeures** que vous n’ayez les pareilles, ne ne sont en si grant nombre que ne soiez autant ou plus”. (CHARTIER, 1923, p.17)

Tradução livre: “Os inimigos não são de fogo ou imortais sobre vocês, eles não tem lanças nem **armaduras** que vocês não tenham parecidas, nem são em grande número que sejam maiores que vocês.” (CHARTIER, 1923, p.17)

[Assailan] (atacador) s.m. (do latim assalire, atacar) que ataca, que provoca o combate. Essa palavra não está mais em uso a não ser para significar aquele que combate, que se oferece para dar apoio. “Voz ennemis anciens et naturelz vous assailent a leur entreprise et viennent chalengier vostre terre et vostre pays sur vous, ilz sont **assailans** et vous estes defenseurs, ilz veulent asservir vostre liberté”. (CHARTIER, 1923, p. 16)

Tradução livre: “Seus inimigos antigos e naturais atacam sua empresa e vem desafiar sua terra e seu país sobre vocês, eles são **atacadores** e vocês são defensores, eles querem reduzir sua liberdade.” (CHARTIER, 1923, p. 16)

[Assaillir] (atacar) v. (do latim *assalire*, atacar) Ameaça o bem-estar e a segurança de alguém; essa palavra está em desuso: atacar agressivamente e com violência. “Voz ennemis anciens et naturelz vous **assaillent** a leur entreprise et viennent challenger votre terre et votre pays sur vous, ilz sont assaillans et vous estes defenseurs, ilz veulent asservir votre liberté”. (CHARTIER, 1923, p. 16)

Tradução livre: “Seus inimigos antigos e naturais **atacam** sua empresa e vem desafiar sua terra e seu país sobre vocês, eles são atacadores e vocês são defensores, eles querem reduzir sua liberdade.” (CHARTIER, 1422, p. 16)

Bataille (batalha) s.f. (do latim *battalia*; alteração de *battualia* (dér. *debattuere* v. *battre*) combate, choque de dois exércitos inimigos. “Et comme je recueillisse en ma souvenance la puissance et diligence des ennemis, la desloiauté de plusieurs subgiez et la perte des princes et chevallerie, dont Dieu, par maleureuse **bataille**, a laissié ce royaume desgarny, qui me fait durement ressongnier l’issue de ceste infortune, je contrepensoye et pensoye a l’encontre la grandeur et distance des parties de ce dit royaume dont les ennemis ne suffiroient garder le quart”. (CHARTIER, 1923, p. 5 e 6)

Tradução livre: “E como eu recolhesse em minha memória a potência e diligência dos inimigos, a deslealdade de vários subjugados e a perda dos príncipes e cavalaria, do qual Deus, por dolorosa **batalha**, deixou esse reino desgarnido, que me fez duramente repensar na saída desse infortúnio.” (CHARTIER, 1923, p. 5 e 6)

Capitaine (capitão) s.m. (do baixo latim *capitaneus*, derivado de *caput*) chefe militar de uma companhia de homens de armas do qual assegura o recrutamento, o armamento, a gestão administrativa; oficial nomeado para chefiar uma tropa de importância variável para uma campanha militar. “Nul ne souloit estre dit escuier s’il ne s’estoit trouvé en fait de souveraine proesce, nul

n'estoit appellé aux gaiges d'omme d'armes s'il n'avoit prins honnestement prisonnier de sa main ; maintenant savoir ceindre l'espee et vestir ung hauberjon suffist a faire ung nouveau **capitaine**". (CHARTIER, 1923, p.51)

Tradução livre: "Ninguém seja dito escudeiro se não tiver feito com soberana bravura, ninguém seja chamado à garantia de homem de armas se não tiver feito honestamente prisioneiro por sua mão; agora saber portar a espada e vestir uma cota de malha é suficiente para se tornar um novo **capitão**." (CHARTIER, 1923, p.51)

Ceindre (embainhar) v. (do latim cingere) Preparar a espada para a batalha; saber utilizar a espada. "Nul ne souloit estre dit escuier s'il ne s'estoit trouvé en fait de souveraine proesce, nul n'estoit appellé aux gaiges d'omme d'armes s'il n'avoit prins honnestement prisonnier de sa main ; maintenant savoir **ceindre** l'espee et vestir ung hauberjon suffist a faire ung nouveau capitaine". (CHARTIER, 1923, p.51)

Tradução livre: "Ninguém seja dito escudeiro se não tiver feito com soberana bravura, ninguém seja chamado à garantia de homem de armas se não tiver feito honestamente prisioneiro por sua mão; agora saber **embainhar** a espada e vestir uma cota de malha é suficiente para se tornar um novo capitão." (CHARTIER, 1923, p.51)

[Chasser] (caçar) v. (do baixo latim *captiare, captus, capere) perseguir com violência; constranger; forçar para sair de algum lugar. "Pourquoy nous ne combatons et que nous ne **chaçons** les ennemis comme l'en **chaçeroit** les coulons d'une cheneviere ou d'une pesiere". (CHARTIER, 1923, p.26)

Tradução livre: « Porque nós combatemos e nós **caçamos** os inimigos como se **caçariam** os pombos de uma plantação de cânhamo ou de uma plantação de pois". (CHARTIER, 1923, p.26)

Chatel (capital) s.m. (do latim capitalis) bens, riqueza, patrimônio, capital, ganho material em relação à guerra, proveito. "Quantes malles nuiz et disete de boire e de menger endurent souvent ceulx qui le mestier de la guerre

frequentent, chargez de fer au vent et a la pluye, sans autre couverture que du ciel et y perdent souvent leurs chevaux et leur **chatel**, mettent leur vie en aventure de mort et de fait y meurent.” (CHARTIER, 1923, p.26)

Tradução livre: “Quantos males negam e privam de beber e de comer sobretudo aqueles que a profissão da guerra frequentam, carregados de ferro no vento e na chuva, sem outra cobertura que a do céu e perdem seguidamente seus cavalos e seu **capital**, colocam sua vida em aventura de morte e de fato morrem”. (CHARTIER, 1923, p.26)

Chief (chefe) s.m. (do latim caput; do francês antigo chiés, chief) que comanda uma divisão oficial; o primeiro do cargo soldado da primeira fila de um batalhão. “Et doit estre réputé a plus grant honneur et louenge au **chief** de bataille savoir saignement retraire et sauver sont ost”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Tradução livre: “E deve ser reputado a maior honra e graça ao **chefe** de batalha que sabiamente sabe distanciar e salvar sua tropa”. (CHARTIER, 1923, p.31)

[Cheval] (cavalo) s.m. (do latim popular caballus, do gaulês *caballos) animal de quatro patas que relincha que serve para a guerra, para a caça, para o trabalho e que rende grandes serviços ao homem. “Quantes malles nuiz et disete de boire e de menger endurent souvent ceulx qui le mestier de la guerre frequentent, chargez de fer au vent et a la pluye, sans autre couverture que du ciel et y perdent souvent leurs **chevaux** et leur chatel, mettent leur vie en aventure de mort et de fait y meurent”. (CHARTIER, 1923, p.26)

Tradução livre: “Quantos males negam e privam de beber e de comer sobretudo aqueles que a profissão da guerra frequentam, carregados de ferro no vento e na chuva, sem outra cobertura que a do céu e perdem seguidamente seus **cavalos** e seu capital, colocam sua vida em aventura de morte e de fato morrem”. (CHARTIER, 1923, p.26)

Chevalerie (cavalaria) s.f. (derivado do latim caballarius com sufixo –erie) Instituição militar; ordem; grau da antiga nobreza. “Reste maintenant le tiers point ou nous avons a declairer quelle obeissance doit estre gardeee vers le prince guerroiant pour sa **chevalerie** et pour ses subgiez”. (CHARTIER, 1923, p. 48)

Tradução livre: “Resta agora o terceiro ponto onde nós temos a declarar a qual obediência seja guardada em relação ao príncipe guerreando pela sua **cavalaria** e por seus subjugados.” (CHARTIER, 1923, p. 48)

[Chevalier] (cavaleiro) s.m. (do latim caballarius, derivado de caballus) s.m. primeiro grau da honra da antiga milícia que se dava com certas cerimônias àqueles que tinham feito alguma conquista reconhecida e que os distinguiu das outras pessoas da guerra. “Dieu me garde que je defende ou debate qu’il ne soit bon de grever et guerroyer ses ennemis et les combattre en lieu et en temps qu on puisse trouver son avantage, et moult y a de vaillans **chevaliers** et d’escuiers en cestuy royaume qui ne demanderoient pas plus grant eur que soy y trouver pour faire leur devoir, mais en armes a il aussi bien sens pour attendre son bon et delay pour faire son preu en son avantaige comme il y en a marchandises ou en autres mendres affaires”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Tradução livre: “Deus me guarde que eu defenda ou debata que ele não seja bom de lesar e guerrear seus inimigos e os combater em lugar e tempo que se possa encontrar vantagem, e muito tem valentes **cavaleiros** e escudeiros nesse reino que não pediriam muito e encontrariam seu dever, mas nas armas tem também bom senso para esperar e levar vantagem como mercadorias e outros negócios”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Figura 4: Cavaleiro medieval do século XV



Fonte: Enciclopedia Ilustrada de las Armas Blancas (1999)

Commandeur (comandante) s.m. (derivado do latim comandere, commandeor) cavaleiro que é provido de uma das comandarias. “Leurs volentez soient en la puissance d’un chief et leurs povoirs limitez a l’obeissance du **commandeur** qui sur eulx puisse garder justice d’armes et discipline de chevalerie?” (CHARTIER, 1923, p.50)

Tradução livre: “Suas vontades sejam em potência de um chefe e seus poderes limitados à obediência do **comandante** que sobre eles possa guardar justiça de armas e disciplina de cavalaria?” (CHARTIER, 1923, p.50)

Conquerir (conquistar) v. (do latim *conquaerere; conquirere) tornar-se mestre de um país, de um reino à mão armada. “Vous conseillez de les dechacer, et ilz besoignent en vous dechaçant ; leur travail et songneux desir de **conquerir** esbahit voz couraiges et vostre negligence de defendre enhardist leurs volentez”. (CHARTIER, 1923, p.12)

“Se nous savons mectre paine a le saigement grever et avoir patience de souffrir, trop plus legiere chose est a nous, si fortunez que nous sommes, de le

dehacier que a lui, si exaucié comme il cuide, de nous **conquerir**". (CHARTIER, 1923, p.33)

Tradução livre: "Vocês aconselham de os expulsar, e eles precisam expulsá-los; seu trabalho e sonhador desejo de **conquistar** bate suas coragens e sua negligência de defender encoraja suas vontades". (CHARTIER, 1923, p.12)

"Se nós sabemos fazer pena e sabiamente lesar e ter paciência de sofrer, será muito mais leve para nós, se sortudos que somos, de expulsar somente ele, tão satisfeito como ele cuida, de nos **conquistar**." (CHARTIER, 1923, p.33)

[Dehacer] (expulsar) v. (do baixo latim *captiare, captus, capere, com prefixo - dé) expulsar alguém, perseguir. "Vous conseillez de les **dehacer**, et ilz besoignent en vous **dechaçant** ; leur travail et songneux desir de conquerir esbahit voz courages et vostre negligence de defendre enhardist leurs volentez". (CHARTIER, 1923, p.12)

Tradução livre: "Vocês aconselham de **expulsá-los**, e eles precisam ser **expulsos**; seu trabalho e sonhador desejo de conquistar bate suas coragens, e sua negligência de defender encoraja suas vontades". (CHARTIER, 1923, p.12)

Desconfiture (derrota) s.f. (do latim confire, com prefixo -de) fato de derrotar, (o inimigo, um exército, uma tropa), de ser derrotado, derrota total de um exército. "Vous grevez et guerroyez voz ennemis de souhaiz. Vous desirez leur **desconfiture** par prieres et parolles, et ilz pourchacent la vostre par entreprinse de fait". (CHARTIER, 1923, p.12)

Tradução livre: "Vocês lesam e guerreiam seus inimigos de desejos. Vocês desejam sua **derrota** por preces e palavras, e eles procuram a sua por iniciativa de fato". (CHARTIER, 1923, p.12)

Défense (defesa) s.f. (do latim *defensa*) tudo aquilo que serve para proteger os soldados e os lugares de um ataque. “Or se plaint le peuple de nous, or crient et murmurent les communes gens contre la seigneurie pour l’argent qui sur eulx est aucunes fois levé pour la **defense** du pays”. (CHARTIER, 1923, p.29)

Tradução livre: “Ora o povo reclama de nós, ora gritam e murmuram às pessoas comuns contra a senhoria pelo dinheiro que sobre eles não se levantaram nenhuma vez pela **defesa** do país”. (CHARTIER, 1923, p.29)

Destruction (destruição) s.f. (do latim *destructio*) ruína, desfoliação de um império, de uma cidade, de um país. As guerras causam a destruição das províncias e do campo. Destruição como derivação de estrutura. “Me vint en ymaginacion la douloureuse fortune et le pitieux estat de la haulte seigneurie et glorieuse maison de France, qui entre **destruction** et ressource chancelle douloureusement soubz la main de Dieu, ainsi que la divine puissance l’a souffert”. (CHARTIER, 1923, p.5)

Tradução livre: “Me vem em imaginação a dolorosa fortuna e o piedoso estado da alta senhoria e gloriosa casa da França, que entre **destruição** e recurso de dote dolorosamente sob a mão de Deus, assim que a divina potência sofreu”. (CHARTIER, 1923, p.5)

Engins de guerre (engenhos de guerra) s.m. (palavra composta; *engin* – do latim *ingenium* e *guerre* - do germânico *werra*, eliminando o latim clássico *bellum*) são todas as máquinas utilizadas para combater a guerra. “Et se plus large estoit la finance, l’aide et la revenue, assez y a gens et besoingnes ou employer comme souldees de gens d’armes, estat de seigneurs, mises d’**engins de guerre**, fraiz d’armees de mer, voyages d’ambassadeur, presens aux estrangers, dons a ceulx qui servent”. (CHARTIER, 1923, p. 46)

Tradução livre: « E se mais larga fosse a finança, a ajuda e o recebimento, teria bastante gente e necessidades onde empregar como soldados de gente de armas, estado de senhores, colocar **engenhos de guerra**, custos dos exércitos do mar, viagens de embaixador”. (CHARTIER, 1923, p. 46)

[Ennemi] (inimigo) s.m. (do latim inimicus) um exército inteiro, uma parte contrária que vem para combater, se diz absolutamente no singular. “Et comme je recueillisse en ma souvenance la puissance et diligence des **ennemis**, la desloiauté de plusieurs subgiez et la perte des princes et chevallerie, dont Dieu, par maleureuse bataille, a laissié ce royaume desgarny, qui me fait durement ressongnier l’issue de ceste infortune, je contrepensoye et pensoye a l’encontre la grandeur et distance des parties de ce dit royaume dont les **ennemis** ne suffiroient garder le quart”. (CHARTIER, 1923, p. 5 e 6)

“Vous grevez et guerroyez voz **ennemis (inimigos)** de souhaiz. Vous desirez leur desconfiture par prieres et parolles, et ilz pourchacent la vostre par entreprinse de fait”. (CHARTIER, 1923, p.12)

Tradução livre: “E como eu recolhesse em minha memória a potência e diligência dos **inimigos**, a deslealdade de vários subjugados e a perda dos príncipes e cavalaria, do qual Deus, por dolorosa batalha, deixou esse reino desgarnido, que me fez duramente repensar na saída desse infortúnio, penso e repenso no encontro da grandeza e distância das partes desse dito reino cujo os **inimigos** não bastam para guardar um quarto.” (CHARTIER, 1923, p. 5 e 6)

“Vocês lesam e guerreiam seus **inimigos** de desejos. Vocês desejam sua derrota por preces e palavras, e eles procuram a sua por iniciativa de fato”. (CHARTIER, 1923, p.12)

Espee (espada) s.f. (do latim spatha, do antigo francês espee) arma formada por uma longa lâmina de aço afiado. “Tout est proye ce que le glaive ou l’**espee** ne defend, ne je n’ay autre esperance en ma vie sinon par desespero laisser mon estat pour faire comme ceulx qui ma despoille enrichit, qui mieulx ayment la proye que l’onneur de la guerre”. (CHARTIER, 1923, p. 18)

Tradução livre: “Tudo é presa aquilo que a lança ou **espada** defende, não tenho outra esperança na minha vida senão por desespero deixar meu estado para fazer como aqueles que me atacam enriquecem, quem melhor ama a presa que a honra da guerra”. (CHARTIER, 1923, p. 18)

[Escuier] (escudeiro) s.m. (do latim scutarius) homem jovem que seguia e que acompanhava o cavaleiro e portava seu escudo, o ajudava a pegar as armas e a desarmar. “Dieu me garde que je defende ou debate qu’il ne soit bon de grever et guerroyer ses ennemis et les combattre en lieu et en temps qu’on puisse trouver son avantage, et moult y a de vaillans chevaliers et d’**escuiers** en cestuy royaume qui ne demandoient pas plus grant eur que soy y trouver pour faire leur devoir, mais en armes a il aussi bien sens pour attendre son bon et delay pour faire son preu en son avantaige comme il y en a marchandises ou en autres mendres affaires”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Tradução livre: “Deus me guarde que eu defenda ou debata que ele não seja bom de lesar e guerrear seus inimigos e os combater em lugar e tempo que se possa encontrar vantagem, e muito tem valentes cavaleiros e **escudeiros** nesse reino que não pediriam muito e encontrariam seu dever, mas nas armas tem também bom senso para esperar e levar vantagem como mercadorias e outros negócios”. (CHARTIER, 1923, p.31)

[Esloit] (ação) s.m. (do francês antigo esloit, do latim explicitus) ação grande, assinalada, memorável, surpreendente. Se diz a ação que um capitão faz. “Sans avoir remembrance de maintes belles aventures et honnourables **esloiz** que pluseurs nobles hommes ont faiz es jours passez en ceste guerre”. (CHARTIER, 1923, p.38)

Tradução livre: “Sem ter lembrança de muitas belas aventuras e honoráveis **ações** que vários nobres homens fizeram e dias passaram nessa guerra.” (CHARTIER, 1923, p.38)

Feu (Fogo) s.m. (do latim focus) exercer todas as crueldades, todas as inumanidades da guerra contra um país; sentido figurado: colocar tudo a fogo e a sangue. “Dure chose est a moy que ainsi me convient plaindre, mais plus dure te de mains de reconfort que vous, qui me devez soustenir, defendre et relever, estes adversaires de ma prosperité, et en lieu de guerdon querez ma destruction et l’avancement de voz singuliers desirs. Mes anciens ennemis et adversaires me guerroyent au dehors par **feu** et par glaive, et vous par dedans

me guerroyez par voz couvoitises et mauvaises ambitions”. (CHARTIER, 1923, p. 11)

Tradução livre: “Meus antigos inimigos e adversários me guerreiam pelo **fogo** e pela lança, e você por dentro me guerreiam pelas suas vontades e más ambições.” (CHARTIER, 1923, p. 11)

[Forteresce] (fortaleza) s.f. (do latim medieval fortalicia) lugar forte, obra de defesa, lugar fortificado, fortaleza. “Et se aucun en enquierit pour savoir ce que nul ne peut ignorer, quans avons nous veu desobeir aux mendemens, enfreindre les deffenses, venir quant il leur plaist et s’en aller a qui qu’en desplaie, abandonner leur gardes pour garder choses abandonnes sans cause, livrer les **forteresces** pour soy delivrer de force, au besoing faillir et soy rendre sans besoing, faire departir les compaignies et tenir compaignie a part?” (CHARTIER, 1923, p.53)

Tradução livre: “E se nenhum em questão para saber que nada pode ser ignorado, quantas vezes queríamos desobedecer aos mandamentos, desrespeitar as defesas, vir para agradar e ir para desagradadas, abandonar sua guarda para guardar coisas abandonadas sem causa, livrar as **fortalezas** para liberar da força, na necessidade de falir e devolver sem necessidade, fazer partir as companhias e deixar uma companhia de lado?” (CHARTIER, 1923, p.53)

Fraiz (custo) s.m. (velho frâncico *frisk, do baixo latim fredum) custo da guerra, a despesa, o dinheiro que deve ser pago antecipado. “Nous ne povons pas vivre du vent, ne noz revenues ne nous suffiront a soustenir les **fraiz** de la guerre, et se le prince ne recueult de son peuple dont il nous puisse paier, et en servant a la comunité nous vivons des biens que nous trouvons, a Dieu m’en rapporte d’avoir noz consciences excusees”. (CHARTIER, 1923, p.29)

Tradução livre: “Nós não podemos viver de vento, nem nossos ganhos nos serão suficientes a sustentar os **custos** da guerra, e se o príncipe não recolhe do povo do qual nos possa pagar, e servindo a comunidade vivemos de bens

que encontramos, Deus deixe nossas consciências tranquilas”. (CHARTIER, 1923, p.29)

[Gage] (soma) s.m. (do germânico tirado do frâncico waddi, do latim vas,vadis) soma paga em troca de um serviço militar. “Nul ne souloit estre dit escuier s’il ne s’estoit trouvé en fait de souveraine proesce, nul n’estoit appellé aux **gaiges** d’omme d’armes s’il n’avoit prins honnestement prisonnier de sa main ; maintenant savoir ceindre l’espee et vestir ung hauberjon suffist a faire ung nouveau capitaine”. (CHARTIER, 1923, p.51)

Tradução livre: “Ninguém seja dito escudeiro se não tiver feito com soberana bravura, ninguém seja chamado às **somas** do homem de armas se não tiver feito honestamente prisioneiro por sua mão; agora saber portar a espada e vestir uma cota de malha é suficiente para se tornar um novo capitão.” (CHARTIER, 1923, p.51)

Garde (guarda) s.f. (do germânico warda) termo de guerra, de caça, de defesa ou conservação de alguma coisa; destacamento avançado de um exército ou se um grupo armado; frente militar; proteção. “Ilz veulent estre gardez et defenduz et si se font les pluseurs forcier de contribuer a la **garde**, ainsi que s’ilz voulsissent avoir les biens a leur part sans rien souffrir”. (CHARTIER, 1923, p.29)

Tradução livre: “Eles querem ser guardados e defendidos e fazem várias reservas (garantias) para contribuir à **guarda**, assim que quisessem ter os bens a seu favor sem nada sofrer”. (CHARTIER, 1923, p.29)

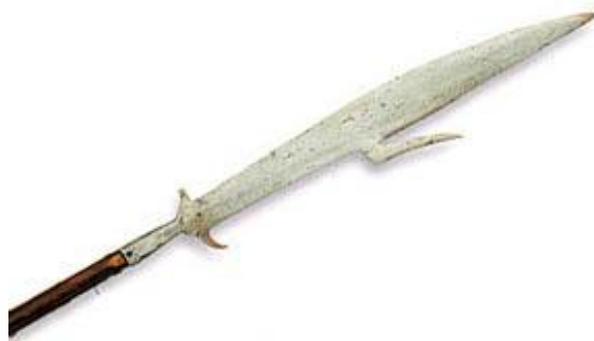
Gens d’armes (gente de armas) s.f. (gendarme) homem de armas de uma companhia. No plural, significa algumas vezes toda sorte de pessoas da guerra, seja infantaria, seja cavalaria. “Et se plus large estoit la finance, l’aide et la revenue, assez y a gens et besoingnes ou employer comme souldees de **gens d’armes**, estat de seigneurs, mises d’engins de guerre, fraiz d’armees de mer, voyages d’ambassadeur, presens aux estrangiers, dons a ceulx qui servent”. (CHARTIER, 1923, p. 46)

Tradução livre: “E se mais larga fosse a finança, a ajuda e o recebimento, teria bastante gente e necessidades onde empregar como soldados de **gente de armas**, estado de senhores, colocar engenhos de guerra, custos dos exércitos do mar, viagens de embaixador, presentes aos estrangeiros, cujo aqueles que servem”. (CHARTIER, 1923, p. 46)

Glaive (lança) s.m (do latim gladius) espada ou espécie de espada, arma cortante, lança. “Dure chose est a moy que ainsi me convient plaindre, mais plus dure te de mains de reconfort que vous, qui me devez soustenir, defendre et relever, estes adversaires de ma prosperité, et en lieu de guerdon querez ma destruction et l’avancement de voz singuliers desirs. Mes anciens ennemis et adversaires me guerroient au dehors par feu et par **glaive**, et vous par dedans me guerroiez par voz couvoitises et mauvaises ambitions”. (CHARTIER, 1923, p. 11)

Tradução livre: “Dura coisa é para mim que assim me convém reclamar, mas mais duro te dei mãos para reconfortar mais que você, que deve me apoiar, defender e relevar, esses adversários da minha prosperidade, e no lugar de recompensa quis minha destruição e o avanço dos seus singulares desejos. de Meus antigos inimigos e adversários me guerreiam pelo fogo e pela **lança**, e você por dentro me guerreiam pelas suas vontades e más ambições.” (CHARTIER, 1923, p. 11)

Figura 5: Glaive medieval



Fonte: Enciclopedia Ilustrada de las Armas Blancas (1999)

[Guerre] (guerra) s.f. (do germânico werra, eliminando o latim clássico bellum) luta armada entre países, entre grupo de pessoas, para defender ou conquistar um território, para defender uma causa; combate. “Et se bien en enquez, c’est la lignee de Forgestus et de Hangestus, les Saxons, qui comme souldoyers vindrent au secours du roy de la Grand Bretaigne oppressé de dures **guerres**”. (CHARTIER, 1923, p.16)

Tradução livre: “E se bem interrogar, é a linhagem de Forgestus e de Hangestus, os Saxões, que como soldados vem ao socorro do rei da Grã-Bretanha oprimido por duras **guerras**”. (CHARTIER, 1923, p.16)

Guerredon (recompensa) s.m (do latim widerdonum, derivado do germânico widarlôn) recompensa, gratificação, contrapartida, compensação. “Il, qui le peril commun de lui et des autres cognoissoit, le vouloir aussi du Senat qui se vouloit departir, vainqui les doubtes de son cuer par l’affection publique, si tira son espee emmy le conseil et jura haultement que qui parleroit plus de habandonner la cité sentiroit au trenchant de son espee que doit estre le **guerredon** de ceulx qui la chose publique delaisent pour leur singulier salut”. (CHARTIER, 1923, p.44)

Tradução livre: “Que o perigo dele e dos outros conhece, o querer também do Senado em se dividir, vencido as dúvidas de seu coração pela afeição pública, se tirar sua espada frente ao conselho e jurar altamente que quem falasse de abandonar a cidade sentiria o cortar da sua espada que deve ser a **recompensa** daquele que deixam a vida pública a favor de si”. (CHARTIER, 1923, p.44)

[Guerroier] (guerrear) v. (do francês antigo guerroier, derivado de guerra com sufixo -oier) Palavra antiga; fazer a guerra. “Dure chose est a moy que ainsi me convient plaindre, mais plus dure te de mains de reconfort que vous, qui me devez soustenir, defendre et relever, estes adversaires de ma prosperité, et en lieu de guerdon querez ma destruction et l’avancement de voz singuliers desirs. Mes anciens ennemis et adversaires me **guerroient** au dehors par feu et par

glaive, et vous par dedans me guerroyez par voz couvoitises et mauvaises ambitions”. (CHARTIER, 1923, p. 11)

“Vous grevez et **guerroyez** voz ennemis de souhaiz. Vous desirez leur desconfiture par prieres et parolles, et ilz pourchacent la vostre par entreprinse de fait.” (CHARTIER, 1923, p.12)

“Sachons premierelement qui sont ceulx contre qui vous avez a **guerroyer**.” (CHARTIER, 1923, p. 15)

Tradução livre: “Dura coisa é para mim que assim me convém reclamar, mas mais duro te dei mãos para reconfortar mais que você, que deve me apoiar, defender e relevar, esses adversários da minha prosperidade, e no lugar de recompensa quis minha destruição e o avanço dos seus singulares desejos. Meus antigos inimigos e adversários me guerreiam pelo fogo e pela lança, e você por dentro me **guerreiam** pelas suas vontades e más ambições.” (CHARTIER, 1923, p. 11)

“Vocês lesam e **guerreiam** seus inimigos desejados. Vocês desejam sua derrota por preces e palavras, e eles procuram a sua por iniciativa de fato”. (CHARTIER, 1923, p.12)

“Saibamos primeiramente que são aqueles contra quem vocês tem à **guerreiar**”. (CHARTIER, 1923, p. 15)

Grever (lesar) v. (do latim popular gravare ou grevare) Fazer injustiça a alguém; lesar; fazer pena. “Dieu me garde que je defende ou debate qu’il ne soit bon de **grever** et guerroyer ses ennemis et les combattre en lieu et en temps qu on puisse trouver son avantage, et moult y a de vaillans chevaliers et d’escuiers en cestuy royaume qui ne demanderoient pas plus grant eur que soy y trouver pour faire leur devoir, mais en armes a il aussi bien sens pour attendre son bon et delay pour faire son preu en son avantaige comme il y en a marchandises ou en autres mendres affaires”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Tradução livre: “Deus me guarde que eu defenda ou debata que ele não seja bom de **lesar** e guerrear seus inimigos e os combater em lugar e tempo que se possa encontrar vantagem, e muito tem valentes cavaleiros e escudeiros nesse reino que não pediriam muito e encontrariam seu dever, mas nas armas tem também bom senso para esperar e levar vantagem como mercadorias e outros negócios”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Hasche (machado) s.f. (do velho frâncico *happja) instrumento de ferro que tem uma mancha que serve para cortar, fundir ou cortar em pedaços madeira ou outras coisas. Uma *hache d’armes* é uma espécie de machado todo de ferro e do qual serve para a guerra. “Et a celle heure apperceut trois de ses enfans, l’un estant droit en armes appuyé sur sa **hasche** , effrayé et songeux, l’autre en vestement long sur ung siege de costé, escoutant et taisant, le tiers en vil habit, reversé sur la terre, plaintif et langoureux”. (CHARTIER, 1923, p.9)

Tradução livre: “E àquela hora apareceu três de suas crianças, um tendo direito às armas apoiado sobre seu **machado**, agitado e pensativo, o outro em vestimenta longa sobre um assento com encosto, escutando e calado, o terceiro em mau traje, ajoelhado sobre a terra, lamurioso e fraco.» (CHARTIER, 1923, p.9)

Figura 6: Hache medieval (machado)



Fonte: Enciclopedia de las Armas Blancas (1999)

Hauberjon (cota de malha) s.m. (do francês haubert, derivado do germânico halsberg) túnica ou cota de malha mais curta que a cota de malha do cavaleiro, com pequenas mangas ou sem mangas. “Nul ne souloit estre dit escuier s’il ne s’estoit trouvé en fait de souveraine proesce, nul n’estoit appellé aux gaiges d’omme d’armes s’il n’avoit prins honnestement prisonnier de sa main ; maintenant savoir ceindre l’espee et vestir ung **hauberjon** suffist a faire ung nouveau capitaine”. (CHARTIER, 1923, p.51)

Tradução livre: “Ninguém seja dito escudeiro se não tiver feito com soberana bravura, ninguém seja chamado à garantia de homem de armas se não tiver feito honestamente prisioneiro por sua mão; agora saber embainhar a espada e vestir uma **cota de malha** é suficiente para se tornar um novo capitão.” (CHARTIER, 1923, p.51)

Figura 7: Haubergeon (cota de malha de ferro)



Fonte: Enciclopedia Ilustrada de las Armas Blancas (1999)

Ost (Tropa) s.m (do latim hostis) Tropa, exército, tropa armada. “Et doit estre réputé a plus grant honneur et louenge au chief de bataille savoir saignement retraire et sauver sont **ost**”. (CHARTIER, 1923, p.31)

Tradução livre: “E deve ser reputado a maior honra e graça ao chefe de batalha que sabiamente sabe distanciar e salvar sua **tropa**”. (CHARTIER, 1923, p.31)

[Pointure] (pontada) s.f. (do latim punctura) ato de violência com o pé para causar dano a algo ou alguém; pontada de bota ou sapato. “Tu l’as provoquee et appele a toy, si fault que tu en souffres les aguillons et **pointures**, car qui pourchasse guerre la doit querir par tele condition qu’il se submete aux males aventures qui de guerre naissent.” (CHARTIER, 1923, p.24)

Tradução livre: “Você a procovou e chama para si, se é preciso que sofra pelos aguilhões e **pontadas**, pois quem provoca a guerra deve procurar por tal condição que se submeta às más aventuras que da guerra surgem”. (CHARTIER, 1923, p.24)

[Peril] (perigo) s.m. (do latim periculum) situação de perigo; estado, situação de uma pessoa ou lugar que corre grandes riscos, que ameaça a segurança por causa de interesses próprios. “Ainsi que s’ilz vouldissent avoir les biens a leur part sans rien souffrir et nous laisser les **perilz** et les paines sans rien avoir”. (CHARTIER, 1923, p.29)

Tradução livre: “Assim que eles quissem ter os bens a seu favor sem nada sofrer e nos deixar os **perigos** e as penas sem nada ter.” (CHARTIER, 1923, p.29)

Prisonnier (prisoneiro) s.m. (do latim prensio, com sufixo -ier) aquele que é detido em um lugar ou é privado de liberdade, que é detido em prisão. “Nul ne souloit estre dit escuier s’il ne s’estoit trouvé en fait de souveraine proesce, nul n’estoit appellé aux gaiges d’omme d’armes s’il n’avoit prins honnestement **prisonnier** de sa main ; maintenant savoir ceindre l’espee et vestir ung hauberjon suffist a faire ung nouveau capitaine”. (CHARTIER, 1923, p.51)

Tradução livre: “Ninguém seja dito escudeiro se não tiver feito com soberana bravura, ninguém seja chamado à garantia de homem de armas se não tiver feito honestamente **prisioneiro** por sua mão; agora saber portar a espada e vestir uma cota de malha é suficiente para se tornar um novo capitão.” (CHARTIER, 1923, p.51)

[Servant] (servidor) s.m. (derivado do latim *servire*) servidores de armas: estão na terceira fila da ordem militar; eles portam a espada e são fieis dominantes. “Soit doncques regardé quans aguetz d’ennemis, dangiers des **servans** et souldoiers mal contens, indignacions de gens escondiz ou reboutez, murmure de subgiez, plaintes de peuples et de commun, rappors divers et souspeçonneux, ligues et riotes entre les siens, prince menant guerre est tenu d’escouter”. (CHARTIER, 1923, p.42)

Tradução livre: “Seja então visto enquanto espões de inimigos, perigos dos **servidores** e soldados descontentes, indignações de pessoas distanciadas ou retiradas, murmúrio dos subjugados, reclamações de pessoas e do comum, relações diversas e suspeitas, ligas ou risos entre os seus, príncipe trazendo a guerra é trazido para escutar”. (CHARTIER, 1923, p.42)

[Souldoier] (soldado) s.m. (empréstimo do italiano *soldato*) aquele que toca uma solda, soldado mercenário. “Soit doncques regardé quans aguetz d’ennemis, dangiers des servans et **souldoiers** mal contens, indignacions de gens escondiz ou reboutez, murmure de subgiez, plaintes de peuples et de commun, rappors divers et souspeçonneux, ligues et riotes entre les siens, prince menant guerre est tenu d’escouter”. (CHARTIER, 1923, p.42)

Tradução livre: “Seja então visto enquanto espões de inimigos, perigos dos servidores e **soldados** descontentes, indignações de pessoas distanciadas ou retiradas, murmúrio dos subjugados, reclamações de pessoas e do comum, relações diversas e suspeitas, ligas ou risos entre os seus, príncipe trazendo a guerra é trazido para escutar”. (CHARTIER, 1923, p.42)

Vestement (vestimenta) s.m. (do latim vestimentum) vestimenta adaptada a uma usagem precisa, própria a certas funções, profissões ou circunstâncias. “Et a celle heure aperceut trois de ses enfans, l’un estant droit en armes appuyé sur sa hasche, effrayé et songeux, l’autre en **vestement** long sur ung siege de costé, escoutant et taisant, le tiers en vil habit, reversé sur la terre, plaintif et langoureux”. (CHARTIER, 1923, p.9)

Tradução livre: “E àquela hora apareceu três de suas crianças, um tendo direito às armas apoiado sobre seu machado, agitado e pensativo, o outro em **vestimenta** longa sobre um assento com encosto, escutando e calado, o terceiro em mau traje, ajoelhado sobre a terra, lamurioso e fraco”. (CHARTIER, 1923, p.9)

Vestir (vestir) v. (do latim vestire) Cobrir alguém de vestimentas, de uma vestimenta particular; ação ou maneira de se vestir. “Apprenez a cognoistre vostre infelicité par les fortunes eureuses de voz ennemis, et vous souviengne que les glaces d’yver, ne la diminucion du vivre, la pestillence des maladies contagieuses ne le long travail des armes **vestir** et porter nuit et jour, ne leur cassent leurs fortes entreprises, ne ilz n’en laissent sieges a mectre, ne champs a tenir, et tous voz faiz se delaissent pour chacune legiere ochoison ou particuliere voulenté”. (CHARTIER, 1923, p. 14 e 15)

Tradução livre: “Aprenda a conhecer sua infelicidade pelas fortunas errôneas de seus inimigos, e lembre-se que os gelos do inverno, nem a diminuição do viver, a pestilência das doenças contagiosas nem o longo trabalho de portar e **vestir** as armas noite e dia, não quebram seus fortes objetivos”. (CHARTIER, 1923, p. 14 e 15)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia *Vocabulário da prosa medieval francesa: Le Quadrilogue Invectif de Alain Chartier* constitui-se inicialmente, em uma abordagem com base em uma obra escrita na França no contexto da Idade Média, com a finalidade de favorecer a compreensão do contexto das guerras no medievo francês, considerando-se a análise de cinquenta unidades lexicais registradas no referido livro. Para se atingir esse objetivo, fez-se uma breve abordagem do contexto histórico e literário em que foi escrito o livro, com o objetivo de compreender melhor a complexa relação entre história, língua e sociedade. Vale lembrar que trabalhar com períodos recuados da história exige alguma informação e formação. Assim, se pretendemos estudar o léxico da língua francesa de sincronias pretéritas, precisamos ter certo conhecimento de teorias e métodos da Lexicologia, da Lexicografia, da Linguística Histórica, além de noções sobre os aspectos concernentes aos contextos sociais e políticos da época, na qual a língua era utilizada.

Construir um vocabulário é uma atividade que se desenvolve a partir da seleção das unidades lexicais a serem estudadas. Dessa forma, buscou-se, a partir da seleção de cinquenta unidades lexicais, mostrar a constante referência das unidades lexicais concernentes à guerra presentes no livro *Le Quadrilogue Invectif* de Alain Chartier. Durante a construção do vocabulário, a seleção, com base no *corpus*, nos trouxe uma perspectiva de como seria organizado o vocabulário, considerando a apresentação das acepções, em língua portuguesa, das abonações, em língua francesa, e da tradução livre, também em língua portuguesa com o fim de incluir mais leitores, possibilitando que mais pessoas tenham acesso a um estudo linguístico de um texto escrito em francês médio.

Vale ressaltar que uma vez que construímos um vocabulário, a partir de um livro escrito em francês médio, temos que levar em conta que algumas unidades lexicais, anteriormente utilizadas em textos do século XV, atualmente são consideradas como arcaísmos e já outras unidades lexicais apresentam grafias diferentes comparadas ao francês atual, fato que contribui para a

dificuldade de compreensão do texto, em um primeiro momento, por parte do leitor.

Nesse trabalho, a própria escolha do texto foi uma motivação já que se trata de uma obra do século XV, escrita na época da Guerra dos Cem Anos. A Guerra dos Cem Anos é conhecida por ter durado 116 anos e ocorreu entre meados do século XIV até a metade do século XV. Nesse contexto, França e Inglaterra se envolveram numa série de conflitos causados por disputas feudais que direcionaram para uma guerra pelo trono francês. A longa batalha da Guerra dos Cem Anos causou grandes transformações na Europa Ocidental e marcou a mudança da Idade Média para a Idade Moderna. Além disso, a vitória francesa deixou a Inglaterra devastada por mais de um século.

Portanto, examinando as unidades lexicais referentes à guerra, organizadas em forma de vocabulário, percebemos as singularidades culturais do povo francês durante a Baixa Idade Média, período em que ocorreu a Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra. Durante essa época, questões como família, religião e guerra, por conta das disputas sociais e territoriais, eram de grande importância e por esse motivo eram temas constantes na literatura francesa do período feudal e tal fato pode ser verificado também na construção do vocabulário e nas escolhas lexicais observadas nesses textos.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2011, p. 213-225.

ALVAR, Carlos. *Traducciones y traductores: materiales para una historia de la traducción en Castilla durante la Edad Media*. Madrid: Centro de Estudios Cervantino, 2010.

ALVES, Ieda Maria; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Percorrendo o caminho das palavras. In: ALVES, Ieda Maria; BEZERRA, Maria Auxiliadora; CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009. p.7-10.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Dicionário, vocabulário, glossário: concepções*. São Paulo: CITRAT, 1996, p. 23 à 45.

BESSA, Rita. A língua francesa em roteiros de navegação do século XVI: le grand routier de mer. *Revista UNESP*, São Paulo, 2011, p. 62 à 75.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BIZOCCHI, Aldo; PACHECO, Miriângela Amândio. Estudo comparativo de alguns aspectos do léxico de quatro línguas européias ocidentais (francês, italiano, inglês e alemão) do ponto de vista neológico. *Anais da 42ª Reunião Anual da SBPC*, São Paulo, 1990, p. 316-317.

BLOCH, Oscar; von WARTBURG, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Brecho. *História das cavernas ao terceiro milênio*. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2005. Vol I.

BRUNEAU, C. *Précis de grammaire historique de la langue française*. 4.éd. Paris: Masson, 1956.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CHARTIER, Alain. *Le Quadrilogue Invectif*. Édité par Eugénie Droz. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1923.

- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1995. p. 23-36.
- COIGNARD , Vve J. B. et J. B. Coignard. *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. T. 1. Paris, Académie Française, 1694.
- CONTAMINE, Philippe. *Cahiers de recherches médiévales*. Disponível em: <https://crm.revues.org/12898#illustrations>. Acesso: 15 de setembro de 2016.
- COSERIU, Eugenio. *Sistema, norma e fala*. Madrid: Gredos, 1952.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRANCO JR. Hilário, *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANCO JR. Hilário. *O feudalismo*. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes & les termes des sciences et des arts,....* Tome 1. Paris: Académie Française, 1701.
- GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Filologia, memória e mudança linguística. In: *Anais do VII Seminário de Estudos Filológicos – SEF*. Salvador: UNEB, 2014.
- GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. *Homens e armas: um estudo semântico em Crônicas de Fernão Lopes*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. O papel da Filologia Textual e a formação dos estudantes de Letras. In: *Anais II Encontro Nacional de Linguística Aplicada ao Ensino*. Paraíba: II ECLAE, 2003. p. 67 – 74.
- HOFFMAN, Edward Joseph., *Alain Chartier, his work and reputation*, 2 ed. Genève: Slatkine Reprints, 1975.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. 2 ed. Lisboa: Ulisseia, 1978.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2008.
- LAROUSSE, Encyclopédie en ligne. *Le Moyen Âge: le bas moyen âge*. Disponível em :

http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/Moyen_%C3%82ge/71867. Acesso: 01 de junho de 2016.

MACEDO, José Rivair. Transgressão conjugal e mutilação ritual nos fabliaux do século XIII. In: TAVARES MALEVAL, Maria do Amparo (Org). *Atualizações da Idade Média*. Rio de Janeiro: PPG em Letras da UERJ, 2000, p. 187-222.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAURER JR., Th. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Graf. José Magalhães, 1951.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Le Vocabulaire Psychologique dans les Chroniques de Froissart. 1976*. Disponível em: <http://jpicochelinguistique.free.fr/>. Acesso: 15 de setembro de 2016.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: IN; CM, 1989. p. 9-17.

QUEIROZ, Tereza Aline P. Indivíduo e corpo político no sonho medieval. *Revista USP*, São Paulo, 1999, p. 154-167.

ROBERT, Martin. *Dictionnaire du Moyen Français*. Disponível em: http://atilf.atilf.fr/scripts/dmfX.exe?LGERM_FORME;ASSISTANT=3;RECHERCHE=1;CHANGEMENT=1;BACK;;ISIS=isis_dmf2015.txt;MENU=menu_recherche_dictionnaire;OUVRIR_MENU=1;OO1=2;s=s021700b8;LANGUE=FR;AVANCE=-1; Acesso: 10 de maio de 2016.

SACH, Jan. *Enciclopedia Ilustrada de las armas blancas*. Madrid, Susaeta Ediciones, 1999.

SANTOS, Rosa Borges dos. Por que ensinar filologia nos cursos de letras? Língua, literatura e cultura: construção de identidade e relações de poder. In: ALMEIDA, Ariadne A. Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; ZOGHBI, Denise M. Oliveira. (Orgs). *Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas*. Salvador: EDUFBA, 2015.

SAULNIER, V L. *La Littérature française du Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires, 1962.

VILELA, Mario. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WALTER, Henriette. *Honni qui soit mal y pense: l'incroyable histoire d'amour entre le français et l'anglais*. Paris: Lafont, 2001.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente: origem história e geografia*. São Paulo: Mandarin, 1997.

WARTBURG, Walter Von. De l'Ancien Français au Moyen Français. In : WARTBURG, Walter Von. *Évolution et structure de la Langue Française*. Bern : Attempto Francke, 1971. p. 115-142.

WILLEMART, Philippe. *A Idade Media e a renascença na literatura francesa*. São Paulo: Annablume, 2000.

ZINK, Michel. *Introduction à la littérature française du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de Nancy et Librairie Générale Française, 1993.